

O CLIMA: REAL E SIGNIFICANTE DO DESEJO

de Eva Laquière-Waniek

Michael Franz Schmidlehner (tradutor)

Instituto Federal do Acre

 0000-0002-8925-3324

DOI: 10.36942/rfim.v6i1.1395

Resumo:

Em meu artigo, questiono como o clima pode ser entendido como um significante do desejo e que insights isso pode trazer sobre a relação entre sujeito, real e cultura. Para isso, recorre-se metodologicamente aos três registros epistemológicos de J. Lacan para discutir as dimensões imaginária, real e simbólica dessa relação: (1.) Com a ajuda de obras literárias como *Sturm und Drang*, ilustra-se que o clima é frequentemente usado como uma metáfora preferida para o desejo do sujeito. Isso requer, como pré-requisito, por um lado, a estrutura metonímica da linguagem e, por outro, a capacidade do sujeito de usar signos para colocar em palavras a experiência com o primeiro outro – no sentido de um primeiro exterior – o que constitui o sistema inconsciente de prazer e desprazer. (2.) A partir daqui, pode-se ver a ligação entre o clima e o real ou a realidade do sujeito: no último, o clima é um objeto de conhecimento, constituído por visualização, simbolização e cálculo, como sabemos, por exemplo, pela previsão do tempo; em contrapartida, o primeiro (o real) repousa no encontro de alguém com o primeiro outro (*das Ding*, a “coisa”) ou o primeiro ambiente, o que muitas vezes causa trauma e ansiedade – mostrando-nos que o sujeito é vulnerável e mortal e que sempre haverá um perigo imprevisível, como tememos hoje, por exemplo, no caso do aquecimento global. (3.) Por fim, discute-se a conexão entre o tempo atmosférico e a ordem simbólica, para a qual lembro que, além da ciência meteorológica, havia também um discurso mitológico antigo sobre esse tempo, que contém uma dimensão ética, na medida em que trata da aceitação coletiva dos limites da natureza. Essa ética estará ligada, enfim, à lei climática – no sentido de uma nova política que quer superar os interesses pecuniários de alguns países ou empresas, fortalecendo o desejo coletivo pelo bem-estar e pela sobrevivência de todos nós e das próximas gerações.

Palavras-chave: Lacan; desejo; clima; *Sturm und Drang*.

Abstract:

This article examines how the weather can be understood as a signifier of the desire and what insight this may give into the relationship between subject, real and culture. To this end, it draws methodologically on J. Lacan's three epistemological registers in order to discuss the imaginary, the real and the symbolic dimensions of this relationship: (1.) With the help of literature such as *Sturm und Drang*, it shows that weather is frequently used as a preferred metaphor for the subject's desire. This requires as precondition on the one hand the metonymic structure of language and on the other hand the subject's ability to use signs, in order to put the experience with the first other – in the sense of a first outside – into words, which constitutes the unconscious system of pleasure and un-pleasure. (2.) From here, one can see the link between the weather and the real or the reality of the subject: In the latter the weather is an object of knowledge, which is constituted by visualisation, symbolisation and calculation as we know it e. g. from the weather forecast; by contrast, the first (the real) rests on someone's encounter with the first other (the „Thing“) or the first environment, which often causes trauma and anxiety - showing us that the subject is vulnerable and mortal and that there will always be a unpredictable danger as we fear it today e. g. in the case of global warming. (3.) Finally, the article discusses the relation between the weather and the symbolic order, for which I recall that besides meteorological science there had been also an antique mythological discourse about the weather, which contains an ethical dimension, in so far as it deals with a collective acceptance of the limits of nature. This ethical dimension is ultimately linked to climate law – in the sense of a new politics, which wants to overcome the pecuniary interests of some countries or companies by strengthening the collective desire for the welfare and survival of all of us and of the next generations.

Keywords: Lacan; desire; climate; *Sturm und Drang*.

Resumen:

Este artículo analiza cómo el tiempo atmosférico puede entenderse como un significante del deseo y qué perspectivas puede aportar esto sobre la relación entre el sujeto, lo real y la cultura. Con este fin, se basa metodológicamente en los tres registros epistemológicos de J. Lacan para abordar las dimensiones imaginaria, real y simbólica de esta relación: (1.) Con la ayuda de obras literarias como *Sturm und Drang*, se muestra que el tiempo se utiliza con frecuencia como metáfora preferida del deseo del sujeto. Esto requiere como condición previa, por un lado, la estructura metonímica del lenguaje y, por otro, la capacidad del sujeto para utilizar signos, con el fin de poner en palabras la experiencia con el otro primero —en el sentido de un primero exterior— que constituye el sistema inconsciente de placer y desplacer. (2.) A partir de aquí, se puede ver el vínculo entre el tiempo y lo real o la realidad del sujeto: en esta última, el tiempo es un objeto de conocimiento, que se constituye mediante la visualización, la simbolización y el cálculo, tal y como lo conocemos, por ejemplo, en la previsión meteorológica; por el contrario, lo primero (lo real) se basa en el encuentro de alguien con el primer otro (la «Cosa») o el primer entorno, lo que a menudo provoca trauma y ansiedad, mostrándonos que el sujeto

es vulnerable y mortal y que siempre habrá un peligro impredecible, tal y como lo tenemos hoy en día, por ejemplo, en el caso del calentamiento global. (3.) Por último, el artículo analiza la relación entre el tiempo y el orden simbólico, para lo cual recuerdo que, además de la ciencia meteorológica, también ha existido un antiguo discurso mitológico sobre el tiempo, que contiene una dimensión ética, en la medida en que trata de una aceptación colectiva de los límites de la naturaleza. Esta dimensión ética está, en última instancia, vinculada al derecho climático — en el sentido de una nueva política que pretende superar los intereses pecuniarios de algunos países o empresas mediante el fortalecimiento del deseo colectivo de bienestar y supervivencia de todos nosotros y de las próximas generaciones.

Palabras-clave: Lacan; deseo; clima; *Sturm und Drang*.

Nota do tradutor

Eva Laquière-Waniek (Dr. Phil.) é filósofa, psicanalista e docente de filosofia na Universidade de Klagenfurt (Áustria). Atua como psicanalista em Nice, onde é membro da *Association Lacanienne Internationale Côte d’Azur*. Em 2009, recebeu, juntamente com o grupo de pesquisa em psicanálise Stuzzicadenti, o prêmio “*Gedankensprung – Prêmio de Ciências Humanas, Sociais e Culturais*”, concedido pela cidade de Viena. Seus principais campos de pesquisa incluem a teoria do sujeito, a filosofia da psicanálise, da linguagem e da estética, bem como a antropologia filosófica do gênero. O presente texto, originalmente publicado por Laquière-Waniek (2023a) em alemão sob o título *Das Wetter: Reales und Signifikant des Begehrens*, investiga a relação entre clima, desejo e cultura a partir dos três registros lacanianos — o imaginário, o real e o simbólico. A tradução do mesmo para o português apresenta dificuldades específicas, sobretudo no que diz respeito ao termo alemão *Wetter*, cuja tradução exige, conforme o contexto, a escolha entre tempo e clima. Procurou-se, ao longo do texto, distinguir esses usos conforme o contexto, evitando uma uniformização terminológica. Para a resolução dessas questões, recorreu-se também à versão francesa do texto, elaborada pela própria autora e disponível online (Laquière-Waniek, 2023b).

Introdução

“Se alguém lhe disser ao cumprimentá-lo que o tempo está tão bonito hoje, não acredite que essa informação se refere realmente apenas às condições meteorológicas do dia”,¹ mas sim à expressão de algo psíquico ou a uma mensagem inconsciente para você, segundo o psicanalista Marc Morali em sua palestra sobre a causa do desejo em Nice, em 2020.² Se não quisermos nos limitar a este exemplo de transferência no contexto psicanalítico, mas quisermos nos ater à ideia de uma conexão entre *o tempo atmosférico* e *o desejo* para investigá-la mais a fundo, podemos levantar a questão de até que ponto o tempo atmosférico – pelo menos em certas circunstâncias – pode se tornar um *significante do desejo*, embora também seja necessário levar em consideração sua dimensão real e o simbólico – algo que tentarei esboçar a seguir, com base nas três *ordens epistemológicas* de Jacques Lacan, o *real*, o *simbólico* e o *imaginário*, cujo entrelaçamento constitui o sujeito.³

Imaginário: o clima como significante do desejo

Como primeiro passo, abordo o conceito do desejo (*désir*), que, segundo Lacan, pode ser atribuído ao imaginário, na medida em que está decisivamente ligado ao *fantasmático* do sujeito. Este último, em algumas de suas representações, está associado ao prazer corporal e, assim, atua sobre o sujeito como fonte de prazer. Se pensarmos, por exemplo, na área da literatura, parece que essa conexão entre prazer, desejo e tempo atmosférico se estabeleceu especialmente no espaço cultural europeu: recordo, a este respeito, o uso predominante na poesia cortês ou medieval de utilizar diversos sinais do clima da primavera como *metáfora* do amor despertando, enquanto os do outono e do

1 Minha citação é feita de memória ou, em sentido figurado, como uma tradução do francês.

2 A partir da década de 1950, Jacques Lacan utiliza o conceito de *significante*, que remonta ao linguista Ferdinand de Saussure, para sua definição psicanalítica do desejo. Este último distinguiu entre *dois lados do signo*, chamando de *significante* o lado sonoro do signo (ou imagem acústica) e de *significado* o outro lado (no sentido de ‘representação em si’) (cf. Saussure, 1916/1967, pp. 76-82).

3 Lacan apresentou seus três ordens como um conceito epistemológico pela primeira vez em 1953, mas continuou a desenvolvê-lo, de modo que mais tarde especificou cada um desses ordens também pelos outros; dessa forma, o real pode ser subdividido em *real* (*rR*), *simbólico* (*sR*) e *imaginário* (*iR*), o que também se aplica aos registros do *simbólico* (*rS*, *sS*, *iS*) e do *Imaginário* (*rI*, *sI*, *iI*). Cf. capítulo “6.4 O Real, o Simbólico e o Imaginário de Lacan – retrospectiva e atualização 1974/75” e “6.5 Espiral e nó – o testamento de Lacan” em minha tese de habilitação 2021, pp. 282-299.

inverno eram usados como o fim da relação amorosa, se não mesmo como símbolo da morte do próprio sujeito.

O uso de determinados fenômenos atmosféricos como expressão do desejo parece ter sofrido uma intensificação adicional na era clássica, se pensarmos, por exemplo, na época do *Sturm und Drang* (*Tempestade e Ímpeto*) em que o tempo de tempestade e o desejo premente eram considerados sinônimos. Como exemplo, aponto para um poema do jovem Wolfgang von Goethe, *Willkommen und Abschied* (*Boas-vindas e despedida*) (2020b, p. 29),⁴ no qual o protagonista, com o coração batendo forte

4 J. W. von Goethe *Boas-vindas e despedida* (primeira versão em 1775, revisão em 1810) (2020b. p. 29)

O coração palpitou-me: – A cavalo, depressa!
Quase antes de pensado, ei-lo já feito.
A tardinha embalava já a terra,
E a noite reclinava-se nos montes:
O roble, já em vestes de nevoeiro,
Eis se erguia, gigante como torre,
Ali onde as trevas de entre as moitas
Olhavam com um cento de olhos negros.

A lua, duma colina de nuvens,
Das névoas emergia melancólica;
Os ventos agitavam asas brandas,
Cercavam-me os ouvidos de terrores;
Paria a noite monstros aos milhares,
Mas a minh'alma estava alegre e alerta:
Que fogo não ardia em minhas veias!
Que ardor em meu coração!

Eis te vi, e a alegria generosa
Sobre mim do teu doce olhar vertia;
A teu lado todo o meu coração 'stava,
E cada hálito meu só pra ti era.
Um ar primaveril e cor de rosa
Aureolava o teu formoso rosto;
E tal ternura para mim — ó Deuses!
Se a esperava, não a merecia!

Porém, ai! já ao sol-nascer
Me aperta o coração a despedida:
Nos teus beijos — que delícias!
E que dor no teu olhar!
Parti, tu ficaste a olhar pra o chão,
E teus olhos com lágrimas seguiram-me:
E contudo, que ventura ser amado!
E amar, ó Deuses! que ventura!

e “a cavalo, depressa!”, cavalga por uma paisagem noturna. Nele, a natureza é descrita inicialmente de maneira despreocupada, mas depois, na floresta escura da noite, de forma cada vez mais assustadora – uma mudança de atmosfera que é criada principalmente pelos “ventos”, que primeiro “agitavam asas brandas”, mas depois “cercavam os ouvidos de terrores”. Finalmente, com a admissão de que a noite escura criou “monstros aos milhares”, esse estado também se expressa de modo correspondente; o medo que o cavaleiro provavelmente sente aqui, porém, é vencido – assim assegura Goethe – com “alma alegre e alerta” e “fogo nas veias”, que acende seu desejo pela amada. O herói só é libertado dessa tempestade de sentimentos contraditórios de ansiedade e medo, provavelmente provocados pelo encontro iminente, quando vê o “doce olhar” e o “formoso rosto” da amada, que lhe aparece em um “ar primaveril e cor de rosa”.

Essa cena poderia ser interpretada com a teoria de Lacan do olhar como *objeto pequeno a*, que constitui a causa *do desejo pelo objeto amoroso*, entendido como o objeto parcial (aqui, portanto, o olhar), e que é capaz de proporcionar ao sujeito gozo (*jouissance*) e, ao mesmo tempo, um lar em um mundo às vezes inóspito ou assustador.⁵ É possível ouvir quase fisicamente esse efeito feliz e também tranquilizador do olhar da amada nas palavras de Goethe, quando ele escreve a seguir sobre a harmonia entre os batimentos cardíacos e a respiração: “A teu lado todo o meu coração 'stava / E cada hálito meu só pra ti era” (Goethe, 2020b, p. 29).

Goethe descreve o protagonista como tomado por uma expectativa intensa e angustiada antes do encontro, que, no momento da efetiva presença do objeto amado, dá lugar a uma “felicidade” reconfortante. Com esse poema, originalmente escrito em 1775 para Friederike Brion, filha de um pastor da Alsácia, ele rompe definitivamente com a forma de expressão lírica moderada do rococó que utilizara até então. Vinte anos mais tarde, ele descreve com igual expressividade a ausência de *Sturm und Drang* com base em uma calmaria total, que faz com que o mar, normalmente agitado, pareça uma zona mortal e sinistra: *Meeresstille (Calmaria)* é o título que ele dá a este poema de 1796, no qual descreve o abandono de um “barqueiro inquieto” com as palavras finais: “Ar

5 Cf. a interpretação de B. Vandermersch (2021), do objeto pequeno a de Lacan (no sentido de objeto parcial) como algo que pode proporcionar ao sujeito um lar em um mundo inóspito.

nenhum de lado algum! / Morta calma de aterrar! / Na lonjura desmedida / Nem uma onda a arquejar” (Goethe, 2020a, p.40).⁶

A metaforização de determinadas condições meteorológicas, enfatizada por Goethe aqui e ali, como expressão poética do estado de espírito do sujeito, acabou por se estabelecer como uma importante característica estilística do *romantismo alemão*. Pensemos, por exemplo, na poesia da natureza de Joseph von Eichendorff, na qual *o tempo atmosférico, a paisagem e a alma* são frequentemente colocados em cena de forma equivalente⁷ – uma abordagem que Eichendorff acabou por ultrapassar em 1826 com o seu poema *Der Abend (A Noite)* (2021, p. 349), quase antecipando a poesia moderna, ao transferir os relâmpagos no céu, normalmente localizados no ambiente externo, para o acontecimento psíquico-físico do sujeito:

“Cala-se das pessoas o prazer ruidoso:
Rumoreja a terra como em sonhos
Maravilhosamente com todas as árvores
O que ao coração mal é consciente,
Velhos tempos, suave tristeza,

6 J. W. von Goethe: *Meeresstille (Calmaria)* (2020, p. 40):

“N’água reina funda calma,
Parado repousa o mar,
Sobre o liso espelho em volta
O barqueiro inquieto a olhar.
Ar nenhum de lado algum!
Morta calma de aterrar!
Na lonjura desmedida
Nem uma onda a arquejar”.

7 Veja, por exemplo, o poema de J. von Eichendorff *Mondnacht (Noite de luar)* (2021, p. 354-355):

“Era como se o céu tivesse
A terra silenciosamente beijado,
Que ela no cintilar de florescência
Dele agora tivesse que sonhar.
O ar ia pelos campos,
As espigas ondulavam suavemente,
Rumorejavam silenciosamente as florestas,
Tão clara como as estrelas estava a noite.
E minha alma estendeu
Largamente as suas asas,
Voou pela silenciosa terra,
Como se voasse para casa”.

E vagueiam silenciosos arrepios
Relampejando pelo peito”.

A habitual distinção categórica entre sujeito e objeto ou ambiente é, portanto, amplamente eliminada aqui, enquanto silenciosos arrepios e relâmpagos atravessam o espaço nostálgico da psique e do *soma*, não menos do que o da paisagem exterior, o que corresponde a uma aparente e prazerosa aproximação entre a natureza interior e a natureza exterior, mas ao mesmo tempo também contém um clima melancólico, já que este poema foi escrito numa época em que a Europa já começava a entrar na primeira industrialização e, com ela, na capitalização orientada para o valor acrescentado da mão de obra humana e das matérias-primas, de modo que a poesia romântica de Eichendorff parece, em retrospectiva, um último canto fúnebre de uma ligação ainda em busca de equilíbrio entre a natureza exterior e o impulso interior.

No geral, pode-se afirmar que as condições meteorológicas e o psíquico tiveram uma ligação particularmente estreita, por vezes até idêntica, no romantismo, cuja crescente convencionalização cultural poderia hoje ser demonstrada em muitos lugares ou de forma ainda mais detalhada; A este respeito, destaco apenas o romance de Emily Brontë de 1847, *Wuthering Heights* (em português, *O Morro dos Ventos Uivantes*), onde essa ligação foi elevada a programa, por assim dizer, já no título, sendo que Brontë descreve o conflito ambivalente do sujeito desejante também como uma ruptura com as normas sociais da sociedade vitoriana. Assim, ela descreve no romance um relacionamento amoroso considerado impróprio entre uma jovem mulher de uma família burguesa tradicional e um homem que foi acolhido por seu pai quando era um menino abandonado de um bairro pobre da cidade, mas que permanece estranho ao mundo dela. Seu relacionamento leva, finalmente, à destruição emocional e física dos protagonistas, bem como quase à ruína da família tradicional, sendo que o cenário central do drama é uma mansão assolada pelo vento em uma colina no pântano da Inglaterra; uma conexão mais uma vez sob o signo de “tempestade” (*Sturm*) e “ímpeto” (*Drang*), mas agora também revelando o poder social explosivo do desejo. Essa abordagem poderia ser seguida com variações até os dias atuais, se pensarmos, por exemplo, no musical cult (ou no filme correspondente) da década de 1970 *Rocky Horror Picture Show*, de Richard

O'Brien,⁸ onde uma terrível tempestade é usada como prelúdio para superar as normas burguesas heterossexuais do desejo sexual.

Real: clima e desejo

Mas qual poderia ser a razão para que o desejo nos exemplos mencionados seja metaforizado justamente pelo tempo atmosférico? É o que devemos perguntar neste momento. Para isso, é importante observar que Lacan já havia apontado estruturalmente, em 1955, que a *formação de metáforas* (e com ela o poético) se alimenta da substituição de algo por outro que não é igual a ele: “- como pode ser que a linguagem tenha seu ponto máximo de eficácia quando ela consegue dizer alguma coisa dizendo outra?” (Lacan, 1988, p. 255).

Ao mesmo tempo, Lacan adverte contra a busca da metáfora poética (no sentido de uma significação poderosa colocada em jogo) na similaridade dos significados – isto é, na semelhança das concepções convencionais de signos ou mesmo na materialidade semelhante de sua referência; em vez disso, é importante reconhecer a premissa da formação da metáfora na *propriedade metonímica* da linguagem, que permite que um signo siga outro em termos de valor (cf. Lacan, 1988, p. 259).

Se, portanto, o tempo atmosférico – entendido como o conjunto de fenômenos como vento, sol, nuvens, tempestade, relâmpagos, trovões, chuva, granizo, neve, frio ou calor, etc. –, não corresponde adequadamente ao desejo como fenômeno psíquico, o que pode então ter levado os poetas mencionados a preferir usar o último em vez do primeiro como conexão significativa?

Eu penso que se pode avançar mais aqui se nos voltarmos para o processo de *constituição inconsciente do sujeito*, esclarecendo-se, de antemão, que Lacan *não* entende o *real* no sentido da *realidade* de objetos ou fenômenos etc., uma vez que, segundo sua definição, a realidade é um componente do mundo já concebido pelo simbólico ou pelo imaginário, de modo que este também pode funcionar, por exemplo, como um objeto de conhecimento. Em contrapartida, ele entende o real como a impossibilidade de uma objetivação (total) simbólica ou imaginária, na medida em que o

8 The *Rocky Horror Picture Show* foi estreado em 1973 como musical de R. O' Brien em Londres e sua versão cinematográfica foi lançada em 1975.

real, no sentido de “excesso do bom” e, ainda mais, no caso do “mal”,⁹ tem um efeito traumatizante sobre o sujeito e é capaz de abalá-lo – seja a causa disso encontrada no exterior do ambiente ou na própria pulsão do sujeito, que aqui é percebida como estranha, fazendo com que a linguagem, o cálculo ou a imagem falhem em representar o que é percebido como algo sentido.

Como consequência disso, poderíamos então – como eu penso – interpretar a escolha de uma *determinada condição atmosférica*, enfatizada pelos literatos, como *um indício* (ou *índice*) *de um possível desejo* em relação ao *Outro primitivo* como *primeiro representante do real*. Para fundamentar isso ainda melhor, é preciso, no entanto, voltar-se para a constituição pré-verbal do sujeito, na medida em que o recém-nascido experimenta o corpo da mãe como o primeiro exterior e deve inicialmente construir com ela uma relação libidinal, que pode ser compreendida psicologicamente como uma relação ainda não separada; uma relação que ainda não pode ser pensada pela diferença entre o próprio e o estranho, ou entre sujeito versus objeto ou exterior, no sentido de categorias mutuamente exclusivas, mas que ajuda a construí-las gradualmente.

Para esse contexto, Lacan introduziu, com referência a Sigmund Freud, em 1959, seu conceito de *das Ding* (*la Chose*, a coisa), justamente no sentido do *Outro primitivo*, que constitui o primeiro exterior do infante e lhe permite, por meio do encontro, desenvolver seus primeiros julgamentos. Ao mesmo tempo, porém, *das Ding* também impressiona a criança pequena por sua coesão, de modo que ela começa a se identificar igualmente com a constância de *das Ding*. Isso vai tão longe que o bebê experimenta os gestos, gritos ou mesmo dores do Outro primitivo (como *das Ding*) como se fossem seus próprios,¹⁰ embora ainda não disponha de um sistema de significantes por meio do qual possa transmitir suas impressões que geram prazer ou desprazer.

Por meio da interação contínua com o *Ding*, ele consegue, no entanto, criar gradualmente um *espectro de prazer e desprazer* no inconsciente, através do qual as partes do outro que geram prazer (como, por exemplo, seu seio, seu olhar ou sua voz)

9 “Ele [o recém-nascido ou o pré-sujeito] não pode suportar o extremo bem que *das Ding* lhe pode trazer quanto mais se situar em relação ao mau objeto (Lacan, 1985. p. 91).

10 Devemos essa observação a Sigmund Freud (1950, pp. 426-427).

podem ser localizadas no sentido de *representações objetais boas ou ruins*. Em resumo, trata-se aqui da *construção de uma primeira ordem afetiva*, através da qual o pré-sujeito pode se estabelecer psíquica e somaticamente por meio de um vínculo simbiótico ao Outro enquanto *Ding* – e isso antes mesmo de ingressar na linguagem proveniente da sociedade, que então lhe permitirá simbolizar o encontro com o *Ding* por meio de signos, a fim de transformá-lo em um objeto de desejo e, assim, chegar a ser ele próprio um sujeito.

A partir daqui, parece evidente que o sujeito falante, ao associar sua capacidade libidinal de prazer e desprazer, constituída no inconsciente, com suas experiências com o ambiente no sentido de um espaço externo, também percebe as condições atmosféricas do espaço terrestre através da espectralidade do prazer-desprazer, que também afetam seu estado de espírito e, em casos extremos, também podem ter um efeito traumático. Pensemos, por exemplo, na *primeira tempestade* que se viveu – talvez até ao ar livre – e cuja força da natureza possivelmente provocou o *medo* de ser destruído, que – uma vez em segurança – talvez se transformou em *reverência* ou *admiração* pela *sublimidade da natureza*,¹¹ e nisso se assemelha aos dois extremos do *Ding* onipotente.

No que diz respeito à questão da metaforização do (mau) tempo atmosférico para o desejo do sujeito, poderíamos responder que tal conexão não está relacionada a um sentido semelhante em ambos os casos – “com o armazém-acessório de significantes” – como Lacan uma vez chamou (1988, p. 202) –, mas com a relação do sujeito com o *Ding como primeiro exterior*, ao qual o *tempo atmosférico* pode responder *no sentido de um significante para o libidinal*. Isso significa, porém, que a relação de semelhança entre os dois fenômenos não se baseia na semântica ou mesmo na mesma “natureza da coisa”, mas na relação entre *a espectralidade da experiência do prazer e do desprazer*, que pode ser comparada aqui e ali e que se baseia no encontro do pré-sujeito com o primeiro exterior. Por meio de uma metáfora apropriada, esse encontro precoce e sempre mais ou menos traumático pode agora ser expresso ou colocado em palavras, o que ao mesmo

11 Daqui não é longe até a estética do “sublime dinâmico” de Immanuel Kant, na medida em que esta também se baseia no “movimento da mente”, que, no caso da “natureza como um poder”, pode levar do terrível desmedido a uma imagem do desafio às nossas próprias forças e, portanto, está intimamente ligada à imaginação e à capacidade de desejo do sujeito (cf. Kant, 2016, p. 157–176).

tempo permite criar distância em relação ao que foi vivenciado/sofrido até então – algo que Lacan chamaria de “assassinato da coisa”.¹²

A favor dessa interpretação parece falar, entre outras coisas, o fato de que, a partir de 1960, Lacan entende a sublimação artística como o uso dos signos para elevar um objeto conhecido de volta à *dignidade da coisa*;¹³ ou, em outras palavras, para poder lembrar, por meio da forma artística da encenação, a afeição libidinal imediata pelo *Ding* – mesmo que seja apenas como *perda*.

Além disso, a partir daqui, seria possível distinguir com mais precisão, do ponto de vista epistemológico, entre a *realidade* e o *real do tempo atmosférico*: a primeira poderia ser compreendida, por exemplo, como um fenômeno determinável pelos meteorologistas, que, enquanto objeto de conhecimento, pode ser registrado, representado e calculado ou previsto com fins de compreensão da realidade, tal como conhecemos pela *previsão do tempo*.

O *real do tempo atmosférico*, por outro lado, com sua *dimensão enquanto coisa*, estaria relacionado a contextos que transcendem o conhecimento objetivado desse fenômeno, na medida em que nos afeta como sujeitos desejantes, vulneráveis e mortais, de uma forma que às vezes pode ser traumática. A isso se poderia acrescentar, por exemplo, o medo, talvez apenas difuso, das consequências nunca inteiramente calculáveis do aquecimento global – na medida em que o sujeito, inconscientemente, a partir de sua ‘história prévia’ com o Outro primitivo, pressente que uma ‘Mãe Terra demasiado quente’ poderia ter um efeito semelhante ao de uma ameaça do *Ding* desmedido e que esse extremo poderia levar à extinção do sujeito e de seus semelhantes.

Simbólico: dos deuses e deusas do tempo ao direito climático

Mas como se comportam o clima e o desejo no nível simbólico? Eu gostaria de abordar essa questão para concluir. É importante mencionar que Lacan entende o *simbólico* como a introdução da *lei* (*‘la Loi’*) no sentido do tabu do incesto e da

12 “Ainsi le symbole se manifeste d’abord comme meurtre de la chose, et cette mort constitue dans le sujet l’éternisation de son désir” (Lacan, 1966, 319).

13 “E a fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta – ela eleva um objeto [...] à dignidade da Coisa” (Lacan, 1985, p. 137).

proibição do homicídio, para o qual ele também usa o conceito do ‘Grande Outro’. Esses elementos contribuem essencialmente para o surgimento da cultura e podem ser considerados como pré-requisitos para o desenvolvimento de mandamentos morais ou éticos, bem como para a formação de ordens jurídicas positivas (sejam elas transmitidas oralmente ou por escrito). No entanto, estas últimas não devem ser confundidas com o conceito psicanalítico de “lei”, uma vez que este exige apenas do indivíduo uma limitação do gozo (*jouissance*) – nomeadamente a renúncia ao gozo sexual com o Outro primitivo ou com o *Ding* – no sentido da *castração*,¹⁴ mas não determina concretamente as formas normativas de implementação dessa renúncia.

Consequentemente, segundo Lacan, sem essa lei também não pode haver desejo (*désir*), pois este só surge através da restrição do gozo sexual exigida pela lei e, em seguida, pode ser vivido por meio da transferência do desejo para pessoas ou objetos ideais permitidos, de modo que estes possam se tornar *novos objetos de desejo*.

Ao mesmo tempo, o simbólico está intimamente ligado à linguagem, na medida em que, por meio de regras convencionais (ou seja, por meio de acordos sociais), permite ao indivíduo transformar o gozo individual, o trauma e o afeto em expressões simbólicas, tornando-os comunicáveis e conscientes em um sentido coletivo.

Se, a partir daqui, voltarmos nosso olhar para a *história cultural europeia do tempo atmosférico*, perceberemos que, inicialmente, ele era uma questão dos deuses e, portanto, relevante para a *ordem simbólica*.

Pensemos, por exemplo, na cultura grega ou romana e seus mitos, em que *Zeus* e *Júpiter*, respectivamente, eram figuras centrais, detentores do raio como força da natureza, de modo que seu domínio também era representado pela insígnia correspondente. Além disso, *Perséfone* (assim como *Kore* e *Hécate*) e *Prosérpina* são conhecidas como deusas da fertilidade, responsáveis pelo ciclo das estações do ano, pelo florescimento, pela frutificação e pela morte da natureza. Na cultura germânica-celta, *Thor* ou *Donar* são conhecidos como deuses do tempo e das tempestades, com funções semelhantes às de Zeus e Júpiter.¹⁵ Além disso, também aqui se encontram

14 Essa renúncia é discutida desde Sigmund Freud sob o conceito de castração.

15 Cf., por exemplo, a descrição das divindades mencionadas em R. von Ranke-Graves (1955), bem como em W. Vollmer (1985).

representações femininas das divindades mencionadas, que remetem para um antigo poder matrilinear de controlar o tempo – como, por exemplo, no conto de fadas da *Frau Holle*, transmitido pelos irmãos Grimm em 1812, que – um pouco distante da Terra - é responsável pela neve e pela mudança das estações do ano; ou a quase esquecida *Regentrude*, de Theodor Storm, em 1863, cujo reino subterrâneo pode ser acessado através de um poço, e que espera ser chamada de volta à Terra com o feitiço correto, para pôr fim ao domínio do ‘demônio do fogo’ com chuvas férteis.

Aqui e ali, a criação do tempo estava, portanto, sob a responsabilidade de um representante do *Grande Outro*/da *Grande Outra*, no sentido lacaniano, na medida em que estes estavam eticamente comprometidos com o bem-estar da Terra e, portanto, também podiam influenciar o destino humano por meio de sorte ou azar. O desejo de influenciar favoravelmente o clima provavelmente também esteve acompanhado pelo desenvolvimento de práticas mágicas correspondentes. Além disso, desde a Antiguidade são conhecidas observações meteorológicas relacionadas com a sementeira e a colheita, etc., que, além dos esforços de racionalização mítico-mágicos, ajudaram a estabelecer o clima como objeto de um conhecimento coletivo. Com o surgimento das ciências naturais modernas, a *meteorologia* ocupa-se, desde aproximadamente o século XIX, dos processos físicos e químicos na atmosfera terrestre, cujas áreas *incluem a previsão do tempo* já mencionada aqui, *bem como a climatologia*.

Esta última área inclui também a investigação das *mudanças climáticas*, que, desde o século XX, têm levado ao aquecimento global devido à industrialização crescente em todo o mundo, em decorrência da poluição atmosférica e nos gases de efeito de estufa. As previsões meteorológicas atuais alertam veementemente para os perigos de um aquecimento global ainda maior no futuro próximo, que não só levaria a um aumento das condições meteorológicas extremas ou perigosas, mas também tornaria grande parte da Terra inabitável. Para evitar isso, desde a década de 1970, foi desenvolvida a máxima da *justiça climática e ambiental*,¹⁶ bem como do *direito*

16 O conceito de justiça climática refere-se às mudanças climáticas causadas pelo homem desde o século XX, que levam a um aquecimento global contínuo, reconhecido não apenas como um problema da natureza e do meio ambiente, mas também, e acima de tudo, como um problema ético e político de

climático,¹⁷ a fim de evitar ou minimizar o aquecimento global e os efeitos biológicos e econômicos previsíveis, bem como as crises sociais que ele pode provocar. Para isso, porém, é necessário, de acordo com a decisão da Conferência Mundial sobre o Clima de Paris de 2015, que o equilíbrio climático da Terra – considerado em relação ao seu estado pré-industrial – não aumente mais do que 1,5 graus ou, no máximo, 2 graus no futuro.¹⁸

Com essa exigência, o *discurso sobre o clima* voltou a um nível simbólico ou jurídico, no qual, em nome do bem-estar de todos e da sobrevivência das gerações futuras no planeta Terra, se exige a limitação dos interesses econômicos e da busca pelo lucro pecuniário de países e corporações. Assim, o tempo atmosférico – pode-se resumir conclusivamente – não só se tornou um *significante do desejo individual* na arte do final do século XVIII e do XIX, que, com o advento da industrialização, volta a narrar com saudade o desejo de conciliar a natureza interna e externa do ser humano; mas, além disso, no presente, desenvolveu-se também um novo *significante de um desejo coletivo* que, com a imposição de novos padrões éticos e reivindicações jurídicas, exige também uma *nova política* - uma *mudança política* que, não menos importante, com Lacan, poderia ser descrita como a inevitável “substituição de um antigo significante-mestre”,¹⁹

relevância global. O objetivo é implementar medidas contra a distribuição desigual dos efeitos correspondentes, uma vez que, por exemplo, regiões ou países que muitas vezes pouco contribuem para o aquecimento global (como na África) são frequentemente os mais afetados pelas consequências climáticas (cf. Deutsches Institut für Entwicklungspolitik 2011; Klima & Recht 2022). A crítica centra-se no ideal econômico de um crescimento econômico global ilimitado, considerado a principal causa das mudanças climáticas.

17 As exigências internacionais em matéria de direito climático foram formuladas pela primeira vez no âmbito do regime climático da ONU e no contexto da *Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas* (UNFCCC) de 1992 (cf. Instituto Alemão de Política de Desenvolvimento: Análises e pareceres 9/2011. Disponível em: https://www.die-gdi.de/uploads/media/AuS_9.2011.pdf. [em alemão]. Acesso em: 31.05.2026. Seguiram-se o *Protocolo de Quioto de 1997* e o *Acordo de Paris de 2015*, embora a implementação da legislação sobre proteção climática tenha sido até agora modesta, devido aos interesses e capacidades divergentes dos diferentes Estados (cf. online em <https://www.klimarecht.ch/klimarecht/> [em alemão]. Acesso em 31.05.2026.

18 Cf. *Max-Planck-Gesellschaft: Klima und Klimawandel*, Disponível em <https://www.mpg.de/klima> [em alemão]. Acesso em 31.05.2026.

19 O conceito de *significante-mestre* (*signifiant-mâitre*) é utilizado por Lacan para designar a reivindicação de poder no campo discursivo-social, na medida em que se atribui ao seu portador ou portadora a capacidade de agir em prol do bem comum, num sentido castrativo e fecundo, ou seja, de estabelecer limites e isenções onde estes promovam ou garantam a vida de todos; (cf. minha contribuição de 2013).

que representa a idealização do “crescimento econômico ilimitado” e da “busca irrestrita do lucro por parte de alguns”, e que agora deve ser substituído por uma “*economia da desaceleração*”, no sentido de *um declínio econômico (décroissance)* a ser avaliado positivamente.²⁰

20 Ver, por exemplo, Latouche (2004).

Referências:

BRONTË, E. **Die Sturmhöhe**. Trad. G. Rambach. Frankfurt/M.: Insel Verlag, 1975.

DEUTSCHES INSTITUT FÜR ENTWICKLUNGSPOLITIK (D.I.E.).

Kriterien der Lastenteilung und Allokation im UN-Klimaregime – Weder Gerecht Noch Wirksam. Analysen und Stellungnahmen, n. 9, 2011. Disponível em:
https://www.die-gdi.de/uploads/media/AuS_9.2011.pdf. Acesso em: 31.05.2026.

EICHENDORFF, J. **Poemas em tradução**. Trad. Dionei Mathias. Revista Letras Raras, v. 10, n. 3, pp. 342–358, set. 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.5281/zenodo.10062431>. Acesso em: 10 out. 2025.

FREUD, S. “Entwurf einer Psychologie” (Manuskript 1395). In: FREUD, S. **Gesammelte Werke**. Frankfurt/M. : Fischer, 1999. **Suplemento**: Texte aus den Jahren 1885–1938, pp. 375–486 (Publicado originalmente em 1950.)

GOETHE, J. W. “Calmaria”. Trad. de Paulo Quintela. In: GOETHE, J. W. **Poemas**: antologia e versão portuguesa. Coimbra : Edições Rocio, 2020a.

GOETHE, J. W. “Boas-vindas e despedida”. Trad. de Paulo Quintela. In: GOETHE, J. W. **Poemas**: antologia e versão portuguesa. Coimbra : Edições Rocio, 2020b.

GRIMM, J.; GRIMM, W. “Frau Holle” .Em: GRIMM, J.; GRIMM, W. **Kinder und Hausmärchen**. Viena–Heidelberg: Verlag Carl Ueberreuter, 1963. pp. 34–38 [1812].

KANT, I. **Crítica da faculdade de julgar**. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016.

KLIMA & RECHT. **Blog jurídico sobre direito climático**. Disponível em: <https://www.klimarecht.ch/klimarecht> . Acesso em: 31.05.2026.

LACAN, J. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, J. **O Seminário – v. 7: A ética da psicanálise**. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. **O Seminário – v. 3: As psicoses**. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAQUIÈZE-WANIEK, E. “‘Herrensignifikant’: Diskurs, symbolische Ordnung und Machtwechsel.” em: GURSCHIER, I.; IVÁDY, S.; WALD, A. (orgs.). **Lacan 4D: Zu den vier Diskursen in Lacans Seminar XVII**. Viena; Berlim: Turia + Kant, 2013, pp. 165–196.

LAQUIÈZE-WANIEK, E. **Das resthafte Subjekt: Eine Philosophisch-psychoanalytische Untersuchung über die Ursache des Begehrens**. Tese de habilitação – Instituto de Filosofia, Universidade Alpen-Ádria de Klagenfurt, Klagenfurt, 2021.

LAQUIÈZE-WANIEK, E. “Das Wetter: Reales und Signifikant des Begehrens”. **Kairos. Recall of Earth**, pp. 142–157, 2023a.

LAQUIÈZE-WANIEK, E. **Le temps qu’il fait : Réel et signifiant du désir**. 2023b. Disponível em: <<https://www.freud-lacan.com/documents-ged/le-temps-quil-fait-reel-et-signifiant-du-desir/>>. Acesso em: 16 abr. 2026.

LATOUCHE, S. **Die Unvernunft der ökonomischen Vernunft: vom Effizienzwahn zum Vorsichtsprinzip**. Trad. H. Jatho. Zürich; Berlin: Diaphanes, 2004.

MAX-PLANCK-GESELLSCHAFT. **Klima und Klimawandel**. Disponível em: <https://www.mpg.de/klima>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MORALI, M. **Une vie sans compromis?** Palestra apresentada no âmbito da Association Lacanienne Internationale (A.L.I.), Maison des Associations Garibaldi, Nice, 8 fev. 2020. Manuscrito não publicado.

O’BRIEN, R. **The Rocky Horror Picture Show**. Musical. Estreia em Londres, 1973.

RANKE-GRAVES, R. **Griechische Mythologie. Quellen und Deutung**. Trad. H. Seinfeld et al. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2001.

SAUSSURE, F. **Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft**. Trad. H. Lommel. Berlin: De Gruyter & Co., 1967.

STORM, T. **Die Regentrude**. Frankfurt/M. : Insel Verlag, 2021.

VANDERMERSCH, B. **Détresse et Courage**. Palestra apresentada no âmbito do evento homônimo da Association Lacanienne Internationale, Paris, 16 out. 2021. Manuscrito não publicado.

VOLLMER, W. **Wörterbuch der Mythologie Aller Völker**. Wiesbaden: Fourier Verlag GmbH, 1985.

Michael Franz Schmidlehner possui graduação e mestrado em Filosofia pela Universidade de Viena. Desde 2017 é professor EBTB do Instituto Federal do Acre. Vem conduzindo estudos nas áreas de análise de discurso e psicanálise lacaniana. Tem atuado principalmente nos seguintes temas: amazônia, conhecimentos tradicionais, justiça climática, relações sociedade natureza.

Artigo recebido em 14 de outubro de 2025 e aceito em 11 de maio de 2026.